

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO IX – Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Índice

Capítulo IX – Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos.	03
Injúrias e violências	03
A mola mestra da obsessão	04
Página de fé	06
Instruções dos Espíritos.	
A afabilidade e a doçura	07
O Céu se ganha pela caridade e pela brandura	08
Vigilância: direção defensiva do espírito	10
A paciência	12
A paciência	13
Preciosa paciência	15
Obediência e resignação	17
Obediência e resignação	18
O Evangelho Segundo o Espiritismo	20
A cólera	22
Indignação	23
O grito da cólera	25

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec Capítulo IX – Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos

1. Injúrias e violências

1. Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra.
(MATEUS, 5:5.)

2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.
(MATEUS, 5:9.)

3. Sabeis que foi dito aos antigos: “Não matareis e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo.” — Eu, porém, vos digo que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenado no juízo; que aquele que disser a seu irmão: Raca, merecerá condenado pelo conselho; e que aquele que lhe disser: És louco, merecerá condenado ao fogo do inferno.
(MATEUS, 521 e 22.)

4. Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até toda expressão descortês de que alguém possa usar para com seus semelhantes. Raca, entre os hebreus, era um termo desdenhoso que significava homem que não vale nada, e se pronunciava cuspidando e virando para o lado a cabeça. Vai mesmo mais longe, pois que ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: És louco. Evidente se torna que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção agrava ou atenua a falta; mas, em que pode uma simples palavra revestir-se de tanta gravidade que mereça tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei do amor e da caridade que deve presidir às relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é que constitui um golpe desferido na benevolência recíproca e na fraternidade que entretém o ódio e a animosidade; é, enfim, que, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a lei primeira de todo cristão.

5. Mas, que queria Jesus dizer por estas palavras: “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”, tendo recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo e havendo-lhes prometido os do céu?

Enquanto aguarda os bens do céu, tem o homem necessidade dos da Terra para viver. Apenas, o que ele lhe recomenda é que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por aquelas palavras quis dizer que até agora os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, assim na Terra como no céu, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus.

A mola mestra da obsessão

Brechas na defesa energética. Nunca me cansarei de bater nesta mesma tecla, ao abordar assuntos atinentes ao espiritualismo e aos seus efeitos na nossa vida cotidiana, porque é esta a exata diretriz à qual devemos nossa máxima atenção, através do aprimoramento interior, no sentido de depurar nosso padrão vibratório a um patamar tão elevado, que jamais processos obsessivos de qualquer ordem possam vir a nos atingir.

Mas que quero dizer com “brechas na defesa energética”?

Analisemos com imparcialidade. Nas situações de angústia; de raiva ou ressentimento; de atritos graves com o próximo, durante as trocas de ofensas ou injúrias, há alguém em condições de afirmar com honestidade que se sente bem, feliz e bem-disposto nestes instantes críticos de desavenças, ou de aguda preocupação ou ansiedade? Procede a ilusão de que aquele a quem pretendemos atingir com o nosso descontrole é o único prejudicado? Ou o mal que lhe dirigimos não afeta antes de tudo a nós mesmos, piorando a qualidade do nosso humor; acabando com um dia mais das vezes salutar antes da crise irada; ou levando-nos lamentavelmente a descontar naqueles nossos afeiçoados mais íntimos a sobrecarga amarga dos dissabores experimentados no decorrer de um dia?

Creio que não; há que não se confundir, antes de qualquer consideração precipitada, a baixa sensação de saciedade raivosa, bem próxima à provocada pelos desagrvos da vingança, com a genuína felicidade proporcionada pela paz na consciência, e pela serenidade de quem se acha à vontade na vida dentro das contingências corriqueiras, identificando a fonte da tranquilidade, acima de tudo, em si mesmo, e no modo equilibrado como se costuma reagir usualmente às situações.

Alguém disse certa vez que a felicidade, como realização pessoal, prende-se indiscutivelmente à nossa maneira de reagir aos fatos, e à nossa visão da vida, naquela referência clássica dos “óculos coloridos”, que emprestam a uma paisagem a cor das lentes escolhidas para servirem de anteparo entre nós mesmos e o que nos circunda.

Ponhamos lentes cinzas, e o dia nos parecerá chuvoso, por mais ensolarado esteja. Usemos lentes azuis, e guardaremos a impressão enganosa de flutuar nos céus, ignorando porventura alguma intempérie iminente; escolhamos, entretanto, as translúcidas, e veremos a realidade mais fiel ao que se apresenta às nossas vistas, emprestando-nos condições mais adequadas de interagir com a noção mais aproximada das circunstâncias.

Menciono estes exemplos para delinear as condições nas quais os arrastamentos emotivos nos lançam perigosamente a uma falta de prumo emocional que, em termos de espiritualidade, lamentavelmente nos situam em faixas vibratórias dissonantes para com o padrão desejável, se o que almejamos é a sintonia e a comunhão com aquelas esferas da vida invisível isentas da conturbada turbulência característica da materialidade, na difícil época de transição que ora atravessamos.

Ninguém duvide que a lei de atração entre os semelhantes é draconiana, em se tratando daquelas influências que atrairemos em regime de compatibilidade com as nossas condições íntimas. O que já aqui constatamos, em observando que artistas se compatibilizam com artistas, crianças com crianças, indivíduos amorosos com indivíduos amorosos, e malfeitores com malfeitores, inapelavelmente encontra seu paralelo num universo onde o padrão energético

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

individual, como já pude mencionar em artigos anteriores, se comprova como a “impressão digital” do Espírito, inconfundível, ao atrair para si aqueles seres que irão, comungar com as nossas tendências, ideias e atitudes, sem remissão.

As brechas na defesa energética, portanto, naqueles que já anseiam um padrão de vida mais purificado do profundo desequilíbrio reinante nos dias de hoje, e causadoras dos lamentáveis processos obsessivos são exatamente aqueles momentos infelizes em que nos permitimos baixar a guarda, dominados por qualquer estado emocional ou psicológico deprimente, ou inferior àquela paz desejável para qualquer situação da nossa vida.

Porque é justo neste instante de invigilância que os “desocupados” do astral circundante se acasalam, por sintonia, ao estado de alma desprevenido ao qual nos abandonamos, dando início a um processo de “simbiose de energias”(1) que pode se mostrar mais ou menos extenso, dependendo da nossa perseverança em não nos deixarmos dominar por sentimentos ou emoções pungentes.

Disso se infere, portanto, que, a par do auxílio precioso oferecido pelas casas espiritualistas bem-intencionadas, durante a aplicação do tratamento desobsessivo, é vital a tomada de consciência de que o principal tratamento, e a medida profilática imprescindível, com vistas a prevenir um mal que pode se agravar ao ponto do comprometimento de toda uma encarnação do indivíduo, é o trabalho de aprimoramento íntimo, através do esforço de sintonia com a espiritualidade sã que povoa o universo, por meio de iniciativas condizentes com uma qualidade de vida mais elevada, e pelo estudo das verdades espirituais, indispensável à evolução e ao crescimento de todo ser humano.

Sem embargo, as humanidades elevadas que povoam o cosmos só lograram a vida na luz após atravessarem a árdua lição de expurgo, que escorraçou a ignorância e as trevas, em primeiro lugar, de si mesmas.

(1) Trocas de energias em comum, com comunhão de intenções.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Elucidações de Emmanuel

Nº 171 – 15/08/2010

O Consolador

I. Injúria e violência

Página de fé

Ouve, amigo!...

Quem quer que sejas;

Onde estiveres e com quem estiveres;

Tenhas sofrido graves equívocos ou cometido muitos erros;

Estejas sob fadiga, após haver carregado pesadas tribulações;

Suportes essa ou aquela enfermidade;

Permaneças no cerco de rudes aflições;

Vivas em abandono por parte daqueles a quem mais ames;

Hajas experimentado desilusões ou agravos que jamais aguardaste;

Caminhos no cipoal de tremendas dificuldades;

Anseies por afeições que nunca tiveste;

Suspires por ideais cuja realização te pareça remota;

Lastimes prejuízos com os quais não contavas;

Trabalhos sob injúrias e perseguições que te envenenam as horas;

Sirvas sob incompreensões ou pedradas; ou chores a perda de entes queridos, ante a visitação da morte.

Sejam quais forem os impedimentos ou provações que te assinalem a vida, asserena o espírito na fé viva e permanece na tarefa que te foi reservada, porquanto sempre que estejamos guardando paciência e confiança, em nossos obstáculos, trabalhando e servindo na prestação de auxílio para liquidar fraternalmente os problemas dos outros, Deus em regime de urgência liquidará também os nossos.

Emmanuel, Companheiro, (psicografia Chico Xavier), (pag. 2.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

2. Instruções dos Espíritos 1. A afabilidade e a doçura

6. A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhes são as formas de manifestar-se. Entretanto, nem sempre há que fiar nas aparências. A educação e a frequência do mundo podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bonomia não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás. A essa classe também pertencem esses homens, de exterior benigno, que, tiranos domésticos, fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como a quererem desferrar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que os chamariam à ordem, acham que, pelo menos devem fazer-se temidos daqueles que lhes não podem resistir. Envaidecem-se de poderem dizer: “Aqui mando e sou obedecido”, sem lhes ocorrer que poderiam acrescentar: “E sou detestado.” Não basta que dos lábios manem leite e mel. Se o coração de modo algum lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se desmente: é o mesmo, tanto em sociedade, como na intimidade. Esse, ao demais, sabe que se, pelas aparências, se consegue enganar os homens, a Deus ninguém engana.

— Lázaro. (Paris, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Editorial

Nº 354 – 16/03/2014

O Consolador

II. Instruções dos Espíritos

I. A afabilidade e a doçura

O céu se ganha pela caridade e pela brandura

A afabilidade e a doçura são formas com que se manifesta a benevolência entre as criaturas humanas, assim o disse Lázaro (Espírito) em uma mensagem transmitida no ano de 1861 em Paris e inserida por Allan Kardec no cap. IX de seu livro O Evangelho segundo o Espiritismo.

Ora, a virtude a que chamamos benevolência é expressamente mencionada pelos instrutores espirituais que participaram da obra de codificação da doutrina espírita, quando por eles foi dito qual o sentido da palavra caridade segundo o entendimento de Jesus. A informação está contida na resposta dada à questão 886 d'O Livro dos Espíritos, adiante reproduzida:

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

Nota de Kardec: O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores.

Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer.

Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

A caridade, como se vê, vai além do simples ato de se praticar a beneficência, porque deve abranger todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores.

Sinteticamente, ela pressupõe:

Benevolência com todos, porque somos todos irmãos e é assim que nosso Pai deseja que nos tratemos.

Indulgência para com os outros porque, como nós ainda cometemos muitos erros, precisamos também da indulgência alheia.

Perdão das ofensas, porque a atitude contrária ao perdão faz mal àquele que não consegue perdoar.

Como sabemos, Jesus recorria quase sempre ao recurso das parábolas quando se dirigia às pessoas que o ouviam, pela simples razão de que nem todos possuíam evolução espiritual necessária para apreender em sua profundidade as verdades evangélicas; mas não deixou dúvida alguma sobre a necessidade da caridade e do amor ao próximo como condições para o ingresso da criatura humana no chamado reino dos céus, como o leitor pode verificar por si mesmo, à vista dos ensinamentos seguintes contidos no Evangelho segundo Mateus:

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

“Nem todos os que dizem: Senhor, Senhor! entrarão no reino dos céus; mas sim os que fazem a vontade do meu Pai que está nos céus.”
(Mateus, 7:21.)

“Assim, todo aquele que ouve as minhas palavras e as põe em prática, será semelhante a um homem ajuizado, que constrói sua casa sobre a rocha. Cai a chuva, correm as enxurradas, sopram os ventos que se lançam contra essa casa. Mas ela não desaba, porque está construída sobre a rocha.”
(Mateus, 7:24-25.)

“Então, o rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era estrangeiro e me acolhestes. Estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, na prisão e me viestes ver.”
(Mateus, 25:34-36.)

“Portanto, tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles: nisso está a Lei e os Profetas.”
(Mateus, 7:12.)

Em face de advertências tão claras e convincentes, não é de estranhar a frase o céu se ganha pela caridade e pela brandura, que Kardec escreveu e inseriu no cap. IV, item 11, d'O Evangelho segundo o Espiritismo. Adotamo-la, por motivos óbvios, para servir de título a este texto.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Crônicas e Artigos

Nº 330 – 22/09/2013

O Consolador - (Rogério Coelho)

II. Instruções dos Espíritos

I. A afabilidade e a doçura

Vigilância: direção defensiva do Espírito

Carro sem freio – desastre à vista.

“Vigiai e orai para não cairdes em tentação.” - Jesus (Mt., 26:41).

No Sermão do Monte, a canção máxima do Cristianismo, Jesus chama de bem-aventurados os pacíficos(1), que, por essa condição, verão a Deus.

Lázaro(2) ensina: “a benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhe são as formas de manifestar-se.

Entanto, nem sempre há que fiar nas aparências.

A educação e a frequentação do mundo podem dar ao homem o verniz dessas qualidades.

Quantos há cuja fingida bonomia não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás”.

O ser pacífico oferece campo sadio e propício à vigilância que proporciona, por sua vez, incontáveis benefícios e evita superlativos aborrecimentos a quem a acoroça, visto que a intemperança e a invigilância são as grandes fomentadoras dos desastres e desacertos na vida de relação.

Onde quer que estejamos seremos sempre confrontados por surpresas de vária ordem, em grande cópia, desagradáveis, que se respaldam e se alimentam na falta de educação, no desamor, na invigilância e, em especial, no espírito de beligerância, que é um atavismo ínsito nas criaturas, remanescente dos tempos da barbárie.

Basta submeter-nos a uma fila, onde muitas pessoas aguardam atendimento para – não raro – verificarmos como facilmente surgem as confusões e desentendimentos.

É evidente que se soma a isso a influência dos Espíritos obsessores, inimigos da paz e da luz. Assim, urge resguardarmo-nos sob o pálio da vigilância atenta e onipresente, que se constitui excelente escudo protetor.

Joanna de Ângelis, que conhece bem as criaturas e suas fraquezas, com sua verve psicológica, ensina(3): “Ninguém desconsidere o impositivo da vigilância nas tarefas de enobrecimento abraçado.

Ela funciona como atitude de respeito e de consideração ao empreendimento assumido.

A vigilância dirá das necessidades imperiosas do equilíbrio diante das circunstâncias e dos fatores animosos que impedem um processo natural de evolução.

O egoísmo trabalha para o desespero. A maledicência responde pelo tumulto. A intriga promove inimizades desnecessárias.

O orgulho engendra tormentos íntimos. A paz, todavia, decorre de uma consciência que se iliba na ação superior da vida.

A sensualidade conclama as paixões morbíficas; o ódio grita na direção da loucura; a caridade asserena o espírito; a paciência confia e resolve dificuldades.

O amor é a vida mesma que estua em nome da vigilância do Celeste Pai a benefício da criatura humana.

Ninguém descuide o seu programa de vigilância: vigilância ao pensar; vigilância no dizer; vigilância no agir.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Atuando de maneira enobrecida e vigiando as nascentes do coração, donde procedem as boas como as coisas más, o candidato à redenção espiritual atinge a cumeada da ascensão e se liberta, por fim em plenitude de paz”.

(1) (**Mateus.**, 5:7.)

(2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. IX, item, 6.)

(3) **Ângelis** Joanna, (psicografia Divaldo Franco), (pp. 91-92.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

2. Instruções dos Espíritos 2. A paciência

7. A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais, pois, quando sofrerdes; antes, bendizeis de Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, vos marcou para a glória no céu.

Sede, pacientes. A paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porém à prova a paciência.

A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nadas, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Se, porém, atentarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que, por outro lado, recebemos, havemos de reconhecer que são as bênçãos muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva para a terra a frente.

Coragem, amigos! Tendes no Cristo o vosso modelo. Mais sofreu ele do que qualquer de vós e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vós tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos. Essa palavra resume tudo.

— Um Espírito amigo. (Havre, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Crônicas e Artigos

Nº 240 – 18/12/2011

O Consolador – (Francisco Rebouças)

II. Instruções dos Espíritos

II. A paciência

A paciência

“Bem-aventurados os pacíficos porque serão chamados filhos de Deus.” - (Mateus, 5-9.)

A paciência deve ser entendida como uma ciência de paz; é por isso que os pacíficos serão bem-aventurados, pois trabalham com fé, confiança e absoluta, certeza de que a mensagem consoladora do Cristo se consolidará mais cedo ou mais tarde no mundo, malgrado o desejo de muitos e a má vontade de outros tantos, e merecerão então ser chamados de filhos de Deus por terem favorecido de todas as maneiras possíveis e com o emprego de seus maiores e melhores esforços no trabalho de pacificação dos corações humanos, favorecendo dessa forma a implantação da Paz na Terra.

A verdadeira Paz é conquista do Espírito imortal, e não pode ser corroída pela ação da ferrugem, não tem que temer as traças e nem os ladrões, pois nada poderá levá-la a desaparecer do imo daquele que já a abriga em seu interior, que dela fará uso de maneira natural em seu procedimento normal.

E tantos quantos já a consolidaram em suas ações diárias exteriorizam-na em forma de paciência e compreensão para com aqueles que se situam em condição inferior em termos morais, transmitindo-lhes a Paz que lhes domina as emoções e sentimentos, de forma tão simples em seus métodos de não-violência em suas ações, buscando agir sempre de forma equilibrada, amorosa e respeitosa para alcançarem seus nobres objetivos.

A conquista da Paciência só é possível pelo esforço despendido pelo Espírito no trabalho incessante de autoiluminação, pelo autoconhecimento, pelos estudos dos postulados cristãos que lhe proporciona reconhecer inicialmente que precisa conhecer-se a si mesmo, para ver suas deficiências e necessidades, buscando corrigir em si o que não está de acordo com o que seu Mestre lhe ensinou exemplificando, no resumo que fez de todas as Leis e os Profetas em: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, só a partir daí poderá o cristão dedicar-se ao efetivo exercício da caridade, procurando ajudar a quantos lhe seja possível, com carinho, bondade e, acima disso, com muita perseverança e equilíbrio.

No trabalho inicial e paciente de burilamento interior, pouco a pouco se aprimora o servo do Cristo, passando a perceber certos tipos de sofrimentos que nem sempre estão tão visíveis aos olhos humanos, pois fazem parte das dores morais da criatura, quase imperceptíveis, mas que representam espinhos dilaceradores que martirizam e infelicitam inúmeras almas.

Algumas dessas criaturas estão tão descrentes da vida, e da Justiça Superior, que se tornam agressivas, desrespeitosas, intoleráveis, dificultando em muito a ação dos que se dedicam a ajudá-los, exigindo por isso mesmo a presença dos **Pacíficos** a que se referia Jesus, pois só estes podem realmente prestar-lhes adequada ajuda.

Outros tantos, encolerizados com tudo e com todos, estão a constituir um exército a exigir provas de dedicação e amor, de tantos quantos se apresentem como servos da Boa Nova, representantes da caridade em nome de Jesus, que terão de se superar para lograr êxito no trabalho de fraternidade com esses irmãos em humanidade que, por se acharem doentes, mais necessitados se fazem de compreensão e Paciência.

Não é fácil a tarefa de atender o desespero e a revolta do outro, quando não se tenha passado por experiências semelhantes, que representam uma variedade enorme de fatores causadores de

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

dores e infortúnios, a exigir do servidor fiel do seu Mestre que compareça para o trabalho de ajuda ao necessitado, munido de toda a paciência, compreensão e amor, acrescidos do desejo de ser útil instrumento do bem nas mãos dos divinos emissários do Mais Alto.

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, acha-se uma linda mensagem da qual retiramos alguns trechos para nossa melhor compreensão, conforme segue:

“Sede, pacientes. A paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas.

Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porém à prova a paciência”.

“Coragem, amigos! Tendes no Cristo o vosso modelo. Mais sofreu ele do que qualquer de vós e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vós tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos. Essa palavra resume tudo. – Um Espírito amigo.(Havre, 1862.)”

A paciência nesse trabalho torna-se imprescindível fator de êxito, pois ela encoraja seu portador, equipando-o com as necessárias ferramentas para enfrentar quaisquer situações, pois estará tomado pela Ciência da Paz, que o pacifica e lhe dá a certeza, absoluta do auxílio de Deus na presença amiga dos Bons Espíritos a envolvê-lo.

Foi precisamente neste mister que o Mestre de Nazaré tornou-se um desafio que não pode ser desconsiderado em momento algum por seu digno Discípulo, pois ELE se transformou no exemplo maior a ser seguido por quem pretender o alvitre divino de espalhar por todo o planeta as benesses da Paz, que tanto apregoamos e que bem poucos de nós trabalhamos por implantá-la.

As propostas de Jesus merecem estudos sérios e acurados de ateus, cépticos, ou religiosos de qualquer corrente cristã, pois todos reconhecem em sua justiça social algo irretocável e, em seu amor por todos, algo incomum, que o homem da Terra ainda não conseguiu aquilatar.

O Verdadeiro Cristão tem em Deus sua Meta, em Jesus o Meio único de ir a seu Pai Criador e, na vida diária, o caminho que ele iluminou com sua mensagem consoladora e esclarecedora contida no seu Evangelho de luz, para que, seguindo os ensinamentos e exemplos ali contidos, todos possamos encontrar a tão sonhada Paz interior que nos impulsionará o crescimento em direção à Fonte Maior geradora da verdadeira Paz e da duradoura Felicidade.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. IX item 7.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Crônicas e Artigos

Nº 24 – 28/09/2007

O Consolador – (Eugênia Pickina)

II. Instruções dos Espíritos

II. A paciência

Preciosa paciência

A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos. Não vos aflijais, portanto, quando sofrerdes, mas, pelo contrário, bendizeis a Deus todo-poderoso, que vos marcou com a dor neste mundo, para a glória no céu (O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo IX, item 7).

Não há vida que possa ser contada sem sofrimento. No entanto, muitas histórias de vida indicam como enfrentar e interpretar o sofrimento, declarando que existe uma saída, que não é “um lugar”, mas um despertar interior para a ativação de uma virtude substancial: a paciência, que nos ensina a capacidade de suportar.

Sim, o tempo da paciência é muito valioso. Ciente de que não há penas eternas, o tempo da paciência é transitório, embora, muitas vezes, não possa ser medido pelo relógio ou pelo calendário. Não é um tempo festivo, mas um tempo comprido. Um tempo exigente de coragem, entendida pelo velho Platão como a virtude da “autossalvação”.

Entretanto, de maneira equivocada, quando experimentamos a dor, no geral, o que fazemos? Depositamos sobre ela a atitude da revolta, desânimo e ingressamos no desespero... Desse modo, juntamos sofrimento ao sofrimento e isso se torna insuportável.

Ao que sofre é pedido paciência. “Não vos aflijais”, solicita o Espírito amigo, pois a paciência é uma virtude subordinada à fortaleza, que habilita o sofredor a suportar a prova para aprender a atravessá-la, caso exerça a lição do Cristo: “ao dia basta a sua própria aflição”. Ou seja, a cada dor basta a sua dor. Não é preciso acrescentar, mais nada. Um passo a cada dia para sempre avançar.

Mas quem nos, cega o entendimento em relação ao sofrimento? A falta de fé. Poderosa é a fé para combater o desânimo ou a cólera nas épocas difíceis. Poderosa é a fé para nos ensinar, enquanto durar a penosa travessia, a singela resignação, que “é o consentimento do coração”, dita por Lázaro, no Evangelho do Cristo. Poderosa é a fé para nos conduzir à prece que nos dará consolação.

Normalmente, as provações pelas quais passamos, e sempre de acordo com nossas capacidades pessoais, são também testes valiosos que verificam se realmente estamos identificados à prática sincera de melhora, pois peregrinos na Terra, ou se estamos aflitos em razão do apego aos bens terrenos. “Não vos canseis pelo ouro”, pediu Jesus. Isso só nos causará o mal sofrer, inútil ao progresso do Espírito.

“A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos”. O Espírito amigo se refere aqui ao “eleito”. Portanto, ele lança o bálsamo àqueles que procuram praticar o bem, além de evitar o mal, pois confiam plenamente no aviso de Jesus: “meu Reino não é deste mundo”.

“Bem-aventurados os pobres, os aflitos, os que choram, porque deles é o Reino dos Céus!” consola-nos Jesus no início do seu magnífico Sermão. Desse modo, o homem que espera em Deus, “vê nos sofrimentos o resgate de suas faltas, o meio de se purificar da corrupção”, explica Cairbar Schutel.

E se a esperança é o lenitivo dos aflitos, a fé, a força que ativa a coragem para a superação da dor, a paciência é o escudo que protegerá aquele que sofre dos efeitos nocivos da cólera ou da ingrata revolta, dando-lhe mansidão para a luta de cada dia. Além disso, fazer a difícil travessia é dar um passo novo no desenvolvimento da humanização, é disciplinar o “homem velho” para que o justo testemunho da prova não se perca no caminho.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Para nossa paz interior, compreendamos que o caminho que nos levará à felicidade absoluta obedece à “longa via do ser” e, em muitas circunstâncias, reivindicará, de nossa parte, uma ação resignada, pois não há atalhos. Então, confiemos e cultivemos a preciosa paciência.

Fontes:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. IX), (Itens 7 e 8.)

Schutel Cairbar, Parábolas e Ensinos de Jesus, (O Clarim, 2006, p. 158.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

2. Instruções dos Espíritos 3. Obediência e resignação

8. A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração, forças ativas ambas, porquanto carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O pusilânime não pode ser resignado, do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antiguidade material desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana perecia nos desfalecimentos da corrupção. Veio fazer que, no seio da Humanidade deprimida, brilhassem os triunfos do sacrificio e da renúncia carnal.

Cada época é marcada, assim, com o cunho da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, apenas, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente mais tarde verá, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos à impulsão que vimos dar aos vossos espíritos; obededei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do espírito preguiçoso, ai daquele que cerra o seu entendimento! Ai dele! Porquanto nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, lhe aplicaremos o látigo e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa terá de, cedo ou tarde, ser vencida. Bem-aventurados, no entanto, os que são brandos, pois prestarão dócil ouvido aos ensinamentos.

— Lázaro. (Paris, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Crônicas e Artigos

Nº 380 – 14/09/2014

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

II. Instruções dos Espíritos

III. Obediência e resignação

Obediência e resignação

A obediência é um estado de alma conquistado pelo Espírito nas diversas encarnações, pois para ser obediente é preciso não ser orgulhoso e egoísta, deixando que se sobressaia a humildade.

Com a resignação, são duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem que os homens as confundam com a negação do sentimento e da vontade. Diz o item 8 do capítulo IX (Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos), de **O Evangelho segundo o Espiritismo**, que a obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração.

Nas provações por que passa, o Espírito que não é dotado dessas duas qualidades revolta-se contra tudo e contra todos, e culpa, inclusive, a Deus, esquecidos de que Deus não quer que ninguém sofra, mas o sofrimento faz parte da vida, para a nossa evolução. “O pusilânime não pode ser resignado, do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes”, esclarece o item em questão, do capítulo citado, do Evangelho.

Jesus foi o exemplo dessas duas virtudes, que os materialistas e os descrentes desprezam.

Ele veio à Terra no momento em que a sociedade perdia-se nos labirintos escuros da imoralidade e da corrupção. E os Seus ensinamentos norteiam as sociedades de todas as épocas, para que a Humanidade não se enverede pelos caminhos torpes da degradação moral.

O Evangelho nos mostra que a moral e a sabedoria devem caminhar juntas, pois só assim o homem alcançará, mais rapidamente, os caminhos da redenção.

Não se deve, contudo, confundir obediência com passividade, nem resignação com conformação.

O obediente deve ter altivez, coragem, determinação.

O resignado deve aceitar o sofrimento como decorrente de atos cometidos contra as sábias leis de causa e efeito, mas deve ter a coragem de lutar, consciente de que, se a vida fosse um mar de rosas, a nossa existência não teria sentido, pois, tendo tudo nas mãos sem nenhum esforço, o homem se tornaria um estorvo inútil na Terra.

A obediência e a resignação são próprias dos brandos e pacíficos, aqueles que possuirão a Terra, a qual, ao passar para um mundo de regeneração, deixará de ser um mundo de expiação e provas.

Como observa Paulo Alves Godoy, na obra **Os quatro sermões de Jesus** (Edições FEESP), neste estágio, “os rebeldes e obstinados não mais aqui nascerão. Haverá mais estreita relação para as reencarnações. Haverá menos lágrimas e menos dores. Enfim, a Terra será um planeta onde imperará maior felicidade.

Os brandos e pacíficos herdarão a Terra, porque eles continuarão a viver nela, para a compleição do seu progresso evolutivo. Os rebeldes, os mais recalcitrantes serão relegados para planetas menos evoluídos, onde ainda prevalece o ‘choro e ranger de dentes’, preceituados por Jesus Cristo”.

Neste ponto, citamos o item 6 (A afabilidade e a doçura), do capítulo citado do Evangelho, o qual explica que a educação e a vivência do mundo podem dar ao homem o verniz dessas qualidades.

Essas qualidades (obediência e resignação), juntamente, com tantas outras, que caracterizam o homem de bem, que elevarão cada vez mais os Espíritos à condição de bem-

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

aventurados, pois são Filhos de Deus (com “F” maiúsculo), isto é, os que executam a Sua vontade e Dele se aproximam. São esses que receberão, com prioridade, as bem-aventuranças.

Está, pois, esclarecida a questão proposta pelos descrentes, quando dizem que ao anunciar, no Sermão do Monte, que os que sofrem serão bem-aventurados, segundo eles, Jesus teria entrado em contradição, porque asseveram: que mérito tem sofrer para ser feliz? Os que sofrem serão felizes, sim: os que, obedientes às sábias lições de Jesus, sabem sofrer com resignação.

A justiça Divina é perfeita, imparcial, equitativa e justa. Por isso, ela recompensa, no Plano Espiritual, os que sofreram injustiça na Terra, os que suportaram tudo com paciência e resignação, porque já conheciam a Lei de Causa e Efeito, já sabiam que a cada um é dado segundo suas obras.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Estudo do Pentateuco Kardequiano

II. Instruções dos Espíritos

Nº 307 – 14/04/2013

III. Obediência e resignação

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

135. Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é. Digo-vos, em verdade: a manifestação espírita avulta no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no cume dos montes. (João Evangelista, cap. VIII, item 18.)

136. Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se possuís esse fogo divino, que é o que podereis temer? (Cap. VIII, item 19, um Espírito protetor)

137. Nas vossas aflições, volvei sempre para o céu o olhar e dissei do fundo do coração: “Meu Pai, cura-me, mas faze que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criaste”. Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, dadas vos serão a força e a coragem e, quiçá, também a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação. (Cap. VIII, item 20, Vianney, cura d'Ars)

138. Os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse convir que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da vossa condenação. Ah! Quantos há no mundo que um dia, nas trevas, maldirão o terem visto a luz! (Cap. VIII, item 20, Vianney, cura d'Ars)

139. “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.” Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e toda expressão descortês de que alguém possa usar para com seus semelhantes. (Cap. IX, itens 1 a 4)

140. Jesus quer nos dizer, com essas palavras, que, quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal será a condição do planeta Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus. (Cap. IX, item 5)

141. A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhe são as formas de manifestar-se. Entretanto, nem sempre há que fiar nas aparências. A educação e o convívio social podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à primeira contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás. (Cap. IX, item 6, Lázaro)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

142. Não basta que dos lábios manem leite e mel. Se o coração de modo nenhum lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas nunca se desmente: é o mesmo, tanto em sociedade, como na intimidade. Esse sabe que, se pelas aparências conseguimos enganar os homens, a Deus ninguém engana.
(Cap. IX, item 6, Lázaro)

143. A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, embora os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração, forças ativas ambas, porque carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. (Cap. IX, item 8, Lázaro)

144. Cada época é marcada com o cunho da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral.
(Cap. IX, item 8, Lázaro)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

2. Instruções dos Espíritos 4. A cólera

9. O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece. Que sucede então? — Entregai-vos a cólera.

Pesquisai a origem desses acessos de demência passageira que vos assemelham ao bruto, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; pesquisai e, quase sempre, deparareis com o orgulho ferido. Que é o que vos faz repelir, coléricos, os mais ponderados conselhos, senão o orgulho ferido por uma contradição? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar.

Em seu frenesi, o homem colérico a tudo se atira: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque lhe não obedecem. Ah! se nesses momentos pudesse ele observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia! Imagine ele por aí que impressão produzirá nos outros. Quando não fosse pelo respeito que deve a si mesmo, cumpriria-lhe esforçar-se por vencer um pendor que o torna objeto de piedade.

Se ponderasse que a cólera a nada remedeia, que lhe altera a saúde e compromete até a vida, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Mas, outra consideração, sobretudo, devera contê-lo, a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não lhe será motivo de remorso fazer que sofram os entes a quem mais ama? E que pesar mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que houvesse de deplorar toda a sua vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se pela dominar. O espírita, ao demais, é concitado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs.

— Um Espírito protetor. (Bordeaux, 1863.)

10. Segundo a ideia falsíssima de que lhe não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa vontade se compraz, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. É assim, por exemplo, que o indivíduo, propenso a encolerizar-se, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando a Deus, dessa forma, de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra de permeio a todas as suas imperfeições.

Indubitavelmente, temperamentos há que se prestam mais que outros a atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor aos atos de força. Não acrediteis, porém, que aí resida a causa primordial da cólera e persuadi-vos de que um Espírito pacífico, ainda que num corpo bilioso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo linfático, não será brando; somente, a violência tomará outro caráter. Não dispondo de um organismo próprio a lhe secundar a violência, a cólera tornar-se-á concentrada, enquanto no outro caso será expansiva.

O corpo não dá cólera àquele que não a tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas, pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme. Não vos mostra a experiência, a vós espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam sob as vossas vistas? Compenetrai-vos, pois, de que o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso.

Hahnemann. (Paris, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Crônicas e Artigos

Nº 286 – 11/11/2012

O Consolador – (Rogério Coelho)

II. Instruções dos Espíritos

IV. A cólera

Indignação

“Não há ódio que resista aos dissolventes da compreensão e da boa vontade.” Antonina.

Comprometidos que estamos por um passado culposo e onerados por débitos escabrosos, as reencarnações não conseguem, senão após sucessivos e dolorosos processos, limpar a ganga imprestável do orgulho gerador de males sem conta que pesam negativamente em nossa economia espiritual.

O orgulho é o agente indutor de uma autoavaliação deficiente que nos induz a um julgamento complacente com o qual passamos a nos julgar mais do que realmente somos. E, quando descobrimos que não somos lá grandes coisas, e principalmente quando isto fica evidenciado por todos, entregamo-nos, a cólera.

Um Espírito Protetor(1) nos conclama a pesquisar a “Origem dos acessos de demência passageira, que nos assemelham ao bruto, fazendo-nos perder o sangue-frio e a razão: quase sempre é o orgulho ferido”.

Pergunta e ao mesmo tempo responde o nobre Mentor(1): “Que é o que vos faz repelir, coléricos, os mais ponderados conselhos, senão o orgulho ferido por uma contradição? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar.

Se ponderasse que a cólera a nada remedeia, que lhe altera a saúde e compromete até a vida, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Mas outra consideração, sobretudo, devesse contê-lo, a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não lhe será motivo de remorso fazer que sofram os entes a quem mais ama? E que pesar mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que houvesse de deplorar para sempre?! Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se por dominá-la. O espírita, ao demais, é concitado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs”.

André Luiz(2) nos dá a conhecer os judiciosos apontamentos dos Benfeitores Espirituais concernentes ao assunto em pauta. Segundo esses nobres amigos espirituais, “A palavra, qualquer que seja, surge invariavelmente dotada de energias elétricas específicas, libertando raios de natureza dinâmica. A mente, como não ignoramos, é o incessante gerador de força, através dos fios positivos e negativos do sentimento e do pensamento, produzindo o verbo que é sempre uma descarga eletromagnética, regulada pela voz. Por isso mesmo, em todos os nossos campos de atividades, a voz nos tonaliza a exteriorização, reclamando apuro de vida interior, vez que a palavra, depois do impulso mental, vive na base da criação; é por ela que os homens se aproximam e se ajustam para o serviço que lhes compete e, pela voz, o trabalho pode ser favorecido ou retardado, no espaço e no tempo.

Dentro desta compreensão, entendemos que a cólera não passa de curto-circuito de nossas forças mentais, por defeito na instalação de nosso mundo emotivo, arremessando raios destruidores, ao redor de nossos passos. A criatura enfurecida é um dínamo em descontrole, cujo contato pode gerar as mais estranhas perturbações.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Surge, então, uma pergunta: Já que a cólera não aproveita a ninguém, e se substituíssemos o termo “cólera” pelo termo “indignação”?

Realmente, a indignação, como estado d’alma, por vezes é necessária. Naturalmente é imprescindível fugir aos excessos. Contrariar-se alguém a propósito de bagatelas e a todos os instantes do dia será baratear os dons da vida, desperdiçando-os, de modo inconsequente, sem o mínimo proveito para si mesmo ou para os outros.

Imaginemos a indignação por subida de tensão na usina de nossos recursos orgânicos, criando efeitos especiais à eficiência de nossas tarefas. Nos casos de exceção, em que semelhante diferença de potencial ocorre em nossa vida íntima, não podemos esquecer o controle da inflexão vocal. Assim como a administração da energia elétrica reclama atenção para a voltagem, precisamos vigiar a nossa indignação, principalmente quando seja imperioso vertê-la através da palavra, carregando a nossa voz tão-somente com a força suscetível de ser aproveitada por aqueles a quem endereçamos a carga de nossos sentimentos. É indispensável modular a expressão da frase, como se gradua a emissão elétrica.

Nossa vida pode ser comparada a grande curso educativo, em cujas classes inumeráveis damos e recebemos, ajudamos e somos ajudados. A serenidade, em todas as circunstâncias, será sempre a nossa melhor conselheira, mas, em alguns aspectos de nossa luta, a indignação é necessária para marcar a nossa repulsa contra os atos deliberados de rebelião ante as Leis do Senhor. Essa elevada tensão de Espírito, porém, nunca deve arrojarse à violência e jamais deve perder a dignidade de que fomos investidos. Basta, dentro dela, a nossa abstenção dos atos que intimamente reprovamos, porque a nossa atitude é uma corrente de indução magnética. Em torno de nós, quem simpatiza conosco geralmente faz aquilo que nos vê fazer. Nosso exemplo, em razão disso, é um fulcro de atração. Precisamos, assim, de muita cautela com a palavra, nos momentos de tensão alta do nosso mundo emotivo, a fim de que a nossa voz não se desmande em gritos selvagens ou em considerações cruéis que não passam de choques mortíferos que infligimos aos outros, semeando espinheiros de antipatia e revolta que nos prejudicarão a própria tarefa”.

Entendemos assim o motivo pelo qual Jesus nos conclama à mansidão e porque Ele disse que são bem-aventurados os brandos e pacíficos.

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. IX item 9.)

(2) **André Luiz**, Entre a Terra e o Céu, (psicografia Chico Xavier), (cap. 22.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO IX)

Crônicas e Artigos

Nº 208 – 08/05/2011

O Consolador – (Neto Lúcio)

II. Instruções dos Espíritos

IV. A cólera

O grito da cólera

Lembra-se do instante em que gritou fortemente, antes do almoço?

Por insignificante questão de vestuário, você pronunciou palavras feias em voz alta, desrespeitando a paz doméstica.

Ah! Meu filho, quantos males foram atraídos por seu gesto de cólera!

A Mamãe, muito aflita, correu para o interior, arrastando atenções de toda a casa. Voltou-lhe a dor de cabeça e o coração tornou a descompassar-se. As duas irmãs, que cuidavam da refeição, dirigiram-se precipitadamente para o quarto, a fim de socorrê-la, e duas terças partes do almoço ficaram inutilizadas.

Em razão das circunstâncias provocadas por sua irreflexão, o papai, muito contrariado, foi compelido a esperar mais tempo em casa, chegando ao serviço com grande atraso. Seu chefe não estava disposto a tolerar-lhe a falta e recebeu-o com repreensão áspera.

Quem o visse, erecto e digno, a sofrer essa pena, em virtude da sua leviandade, sentiria compaixão, porque você não passa de um jovem necessitado de disciplina, e ele é um homem de bem, idoso e correto, que já venceu muitas tempestades para amparar a família e defendê-la. Humilhado, suportou as consequências de seu gesto impulsivo, por vários dias, observado na oficina qual se fora um menino vadio e imprudente.

Os resultados de sua gritaria foram, porém, mais vastos.

A Mãezinha piorou e o médico foi chamado. Medicamentos de alto preço, trazidos à pressa, impuseram vertiginosa subida às despesas, e o papai não conseguiu pagar todas as contas de armazém, farmácia e aluguel de casa.

Durante seis meses, toda a sua família lutou e solidarizou-se para recompor a harmonia quebrada, desastrosamente, por sua ira infantil.

Cento e oitenta dias de preocupações e trabalhos árduos, sacrifícios e lágrimas! Tudo porque você, incapaz de compreender a cooperação alheia, se pôs a berrar, inconscientemente, recusando a roupa que lhe não agradava.

Pense na lição, meu filho, e não a repita.

Todos estamos unidos, reciprocamente, através de laços que procedem dos desígnios divinos. Ninguém se reúne ao acaso. Forças superiores impelem-nos uns para os outros, de modo a aprendermos a ciência da felicidade, no amor e no respeito mútuos.

O golpe do machado derruba a árvore de vez.

A ventania destrói um ninho de momento para outro.

A ação impensada de um homem, todavia, é muito pior.

O grito de cólera é um raio mortífero, que penetra o círculo de pessoas em que foi pronunciado e aí se demora, indefinidamente, provocando moléstias, dificuldades e desgostos.

Por que não aprende a falar e a calar, a benefício de todos?

Ajude em vez de reclamar.

A cólera é força infernal que nos distancia da paz divina.

A própria guerra, que extermina milhões de criaturas, não é senão a ira venenosa de alguns homens que se alastra, por muito tempo, ameaçando o mundo inteiro.

Neto Lúcio, Alvorada Cristã, (psicografia Chico Xavier), (cap. 26)